



Cortesia João Delgado

## ENTREVISTA JOÃO DELGADO

***“Sem sombra de dúvida, eu desenvolvo processos artísticos socialmente comprometidos, onde as pessoas, os processos sociais, o mar e as pescas ocupam o espaço central.”***

A Revista de Marinha entrevistou João Delgado que nos revelou quais as obras que mais o marcaram e que mais o definem como escultor, bem como em que medida a arte pode desenvolver nos portugueses o gosto pelo mar.

### **Como nasceu o interesse pela arte em geral e pela escultura em particular?**

Eu nasci numa comunidade piscatória que serviu de objeto de observação, contemplação, inspiração e motivo central na produção de obras artísticas, nas suas mais diversas disciplinas, designadamente a partir de finais do século XIX, mas fundamentalmente durante todo o século XX.

A comunidade local, muitas vezes sem ligar à dimensão artística sobre o que ali era produzido – tendo em conta que as crónicas preocupações de sobrevivência não deixavam margem para processos reflexivos a este nível – sem-

pre teve uma grande ligação (pelo menos pelo contacto visual com pessoas que não eram da comunidade e se dedicavam a coisas pouco habituais localmente) com os artistas que por ali passavam. Desde muito cedo, nomes como Alves Redol (no campo da literatura neorrealista), Paul Girod, Artur Pastor, Guilherme Filipe, Júlio Pomar, Almada Negreiros, Thomas de Mello, João Fragoso, Mário Botas (artista local), entre outros, faziam parte de uma certa atmosfera local que se sentia. Penso que os primeiros contactos com a arte e com referências a alguns artistas teve por base esta realidade local.

Outra dimensão que poderá estar na base explicativa desta relação/ligação, é o facto de ter sido praticamente criado com o meu avô paterno (mestre-pescador, arrais da arte xávega). Os muitos dias passados a encher agulhas para fazer rede, a pintar as embarcações, a

desenhar o seu conjunto de identificação – por ter uma mão muito mais fina e pequena que as mãos enormes do meu avô – a construir, com ele, brinquedos vários com recurso a materiais utilizados na pesca como a cortiça, construir miniaturas de embarcações de madeira, a assistir diariamente àquela imensa paleta de cores com que eram pintadas as embarcações da Nazaré, muito provavelmente estes processos e vivências inculcaram em mim o gosto pelas manualidades e posteriormente a ligação à produção artística.

### **Quais os temas que gosta de abordar?**

Sem sombra de dúvida, eu desenvolvo processos artísticos socialmente comprometidos, onde as pessoas, os processos sociais, o mar e as pescas ocupam o espaço central. Seja na fotografia – onde tenho uma obra publicada intitulada *O Outro*



Cortesia João Delgado

*Lado*, 2003, com fotografias que abordam o trabalho no mar na costa da Nazaré -, na pintura, na escultura, na instalação, no desenho, na gravura, na produção de documentários, no vitral ou na escrita (bem como na investigação científica no campo da Sociologia), as temáticas centrais são sempre as mesmas.

#### Como se inspira para conceber novas obras de arte?

Na observação atenta do mundo. Nos processos de interconexão e de interdependência entre as pessoas na arena social, nas comunidades marítimas, no potencial tridimensional das artes de pesca e das embarcações, na forma como assumem outras condições e dimensões quando descontextualiza-

das do seu ambiente normal. Esta temática - do mar, das pescas e das suas gentes - tem um potencial artístico enorme. O diálogo entre a peça, o espaço que a envolve, o conceito que lhe subjaz e a interação com o espetador é algo que me motiva muito enquanto produtor de obras de arte. Esta abordagem conforma com a perspetiva que tenho do mundo - o contexto é fundamental à interpretação e à explicação de qualquer fenómeno, inclusive no plano artístico. Essa visão "a toda a roda", como que se deambulasse à volta, por cima e por baixo, das peças, dos espectadores e dos espaços onde estão instalados, interessa-me muito.

#### Quais as obras que mais o marcaram e que mais o definem como escultor?

Destaco duas: a primeira remete para o meu trabalho de final de curso,

na ESAD.CR, que consistiu em estudar as duas nave principais do edifício da escola ligadas por uma "ponte" aérea. Estavam criadas as condições para suspender a rede de arte xávega do meu avô e elevá-la a objeto artístico. A boca do saco da rede estava colocada no enfiamento do corredor pedonal central, por onde as pessoas se deslocam. Muitos dos passantes só despertavam quando se encontravam já dentro do saco da rede. O efeito surpresa, os gestos para se tentarem desembaraçar da rede, colocavam-nos no plano e na condição dos peixes que fazem a mesma trajetória no mar. Os panos de rede como eram de várias cores, do ponto de vista estético, faziam com que a obra também assumisse uma dimensão interessante nessa vertente.

A segunda, foi uma instalação, também em espaço público (almejando sempre a democratização geral da arte, deselitizando-a), na Praça Sousa Oliveira, na Nazaré, onde se encontra a Capitania do Porto local. A obra intitulava-se *Heróis ou Mercadoria*, e consistia em vários módulos de paletes empilhadas, em que nas faces desses módulos constavam as fotografias de todos os nazarenos que foram à pesca do bacalhau - fotos gentilmente cedidas pelo Museu Marítimo de Ílhavo. Os módulos eram envolvidos por película aderente, tal como se envolvem as cargas para transportar. Para além do impacto visual da peça, para além do corropio criado para identificar familiares nas fotos - onde também constavam os meus avós,



Cortesia João Delgado

paterno e materno, o meu pai, vários tios e primos – o que se quis de facto foi desconstruir a narrativa da heroicidade dos pescadores do bacalhau, colocando a nu a forma como várias gerações de pescadores de todo o país foram utilizados, mal tratados, torturados, trabalhando em situações desumanas, e perseguindo os objetivos de uma certa oligarquia das pescas nacionais em estreita articulação com o corporativismo do Estado Novo. Para estas comunidades, os seus heróis não passavam de mera mercadoria para quem comandava o país nesse período – essa foi a mensagem de fundo.

### **Que projetos de arte gostaria de fazer no futuro?**

Muitos. O tempo é que é pouco pelas muitas tarefas que assumo. Há muitas comunidades marítimas que, em articu-

lação e trabalho conjunto intercomunitário, poderiam desenvolver certames artísticos que colocassem em evidência a sua cultura, as novas abordagens e leituras relativamente aos seus processos de transformação, plasmando-os em produção artística – nas diversas dimensões. Como disse anteriormente, o potencial é enorme! Se pudesse contribuir para que isto fosse uma realidade, já daria um grande contributo. Estimula-me tanto produzir obras de arte, como criar as condições necessárias para que outros artistas também mostrem o seu trabalho e a sua visão do mundo, daí a proposta!

### **Em que medida a arte pode desenvolver nos portugueses o gosto pelo mar?**

A arte é fundamental para desenvolver as pessoas em diversos sentidos – o gosto pelo mar e pelo que ele en-

cerca é apenas uma dessas dimensões. Preocupo-me muito, e tento transmitir isso para dentro das organizações onde assumo responsabilidades, que esse trabalho de fomentar a cultura marítima, designadamente junto dos mais jovens, é uma questão crucial para assegurarmos a nossa ligação ao mar no futuro. A Mútua dos Pescadores, na sua dimensão cooperativa, tem feito um papel muito significativo nesta matéria, designadamente ao apoiar projetos artísticos nas comunidades, desenvolvendo junto de escolas, em muitas zonas do país, parcerias onde se leva à prática a produção de esculturas com base em lixo marinho ou, por exemplo, como construir uma armadilha/gaiola ou um pano de rede, abordando assim as diferentes utilizações, também no plano das artes, destes objetos ligados à atividade piscatória.



Cortesia João Delgado